

## **Cerritos no Rio Grande do Sul: Brasil**

*Tânia Tomázia do Nascimento*

Directed by: Luiz Oosterbeek

Instituto Politécnico de Tomar Av. Dr. Cândido Madureira 13 P - 2300 Tomar, Portugal ; Museu de Arte Pré-Histórica de Mação; Grupo “Quaternário e Pré-Histórica” do Centro de Geociências (uID73 – Fundação para a Ciência e Tecnologia)  
[taniatomazia@yahoo.com.br](mailto:taniatomazia@yahoo.com.br)

---

### **Abstract**

This paper presents a synthesis of the Master dissertation on “The Builders of Cerritos in Rio Grande do Sul: the elaboration of archaeological praxis”, in which one has tried to analyse the theoretical-methodological posture and its influence in the published studies on the builders of cerritos, in the Rio Grande do Sul's archaeology (RS), Brazil.

Based on a bibliographical revision and the database of the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), which is responsible for the legal norms of protection and preservation of the national patrimony in Brazil, we trying to analyse the theory and methodology used by archaeologists in mounds research in the south of Brazil, Rio Grande do Sul (RS) and its influence on the results achieved so far.

For this, were created one group the information that help to define future strategies for research and identify what has been elected as important when studied the mounds in Rio Grande do Sul. And to examine if the data supported the interpretations, inferences and explanations archaeological available for the area in question.

The results demonstrate which interpretative model was used in the research and the use of one foreign influence origins from North American, the PRONAPA, whose archaeological practice has been identified as ambiguous and eclectic, with a predominance of various theoretical aspects, the product of a time of transition.

**Keywords:** Archaeology, Cerritos, Brasil.

---

### **Exposições Iniciais – Ensaio sobre um Panorama Metodológico**

Adeptos de que “a arqueologia só pode ser entendida em seu contexto histórico e social”, o presente trabalho partiu do princípio de que a natureza do conhecimento depende de uma constituição social e histórica, inserida em um tempo e espaço definido e logo circunstancial na construção do saber científico.

Situação esta que condiciona a práxis arqueológica, condicionamento este, aqui entendido, não como um posicionamento extremado que possa ser usado indiscriminadamente na manipulação dos dados, mas antes de tudo como uma “lente” que “não

determina, mas exerce forte influência sobre o que vemos” (David, Kramer, 2002).

Partindo disto, este trabalho teve como principal objetivo a análise das posturas teórico-metodológicas – entendidas como um fator de condicionamento consciente ou inconsciente – assumidas – explícita ou implicitamente – e suas influências nos resultados do que até hoje se produziu sobre os construtores dos cerritos na arqueologia do Rio Grande do Sul (RS), região Sul do Brasil. Para tal, utilizou-se como suporte de análise uma revisão bibliográfica e os dados eletrônicos existentes sobre tal tipo de sítio arqueológico no banco de dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN.

Sítios caracterizados por elevações feitas de terra, de origem antrópica, facilmente perceptíveis na paisagem, os cerritos são também conhecidos por cômoros, tesos, montículos, mounds ou aterros. Cujas datas disponíveis, no momento desta pesquisa, para o RS enquadram estes sítios entre 500 a.C. até o período de contato com os primeiros colonizadores portugueses na região, por volta de 1750.

A partir de observações nos dados existentes, na bibliografia e banco de dados do IPHAN, criou-se tabelas de análises, que tiveram como objetivo conceber um corpo de informações que ajudem a definir futuras estratégias de investigações, tendo em vista uma avaliação do que hoje dispomos em termos de dados, além de identificar o que foi eleito como importante até o momento ao se pesquisar os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul. Bem como apreciar em que medida os dados disponíveis suportam as interpretações, inferências e explicações arqueológicas disponíveis para a área em questão.

Na base de dados do IPHAN foram analisados os registros dos 2115 sítios arqueológicos disponíveis para o Estado do Rio Grande do Sul, dos quais 152 sítios foram identificados como cerritos. Os mesmos foram agrupados nas tabelas de análises de acordo com a localidade onde se encontram.

Já a partir dos dados bibliográficos a sistematização abarcou, na medida do possível, um universo variado entre as publicações disponíveis sobre a temática no RS, seja em sua cronologia, autores, correntes teóricas e áreas já pesquisadas.

Após a avaliação ou classificação dos dados conseguimos interpretar dois grupos de dados recorrentes, a partir dos quais inferimos sobre a existência de “dados centrais” e “dados periféricos”.

Sendo classificado como “dados periféricos” as informações cuja utilização no conjunto de dados sobre a arqueologia dos construtores dos cerritos tenha tido um papel passivo ou esporádico.

Já nos “dados centrais” enquadramos as informações cuja utilização foi ativa na formulação, interpretação, inferências, explicações e justificação das pesquisas.

## **Perspectivas de Análises: Como se estudou os cerritos no Rio Grande do Sul**

Inicialmente, procurou-se delimitar sob que influências fundamentaram-se as principais pesquisas no Brasil, no período em análise, e mais especificamente as que influenciaram a construção do conhecimento sobre os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul.

Sendo assim, constatou-se que as pesquisas arqueológicas no país foram influenciadas por duas vertentes teórico-metodológicas estrangeiras: uma francesa e uma norte-americana, também conhecidas no Brasil como “Escola Francesa” e “Escola Americana”. Estas duas vertentes de influências externas foram marcadas pelos postulados teóricos em voga na arqueologia francesa e norte-americana das décadas de 60, 70 e meados da década de 80, sendo a sua adaptação ao contexto brasileiro peculiar.

A vertente francesa ou Escola Francesa, conforme REIS, não compõe um *corpus* teórico no sentido de conceitos, postulados ou formulações epistemológicas. Bem como merece uma ressalva, já que esta denominação faz parte apenas da “discursividade arqueológica brasileira” (Reis, 2002, 2003).

Sob a vertente norte-americana se desenvolveu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA – realizado entre 1965 e 1970, coordenação de Betty Meggers e Clifford Evans.

Quando emergem as principais pesquisas sobre os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul, no início da década de 70 e durante a de 80, as mesmas são orientadas pelas idéias pronapianas e cria um conjunto de dados arqueológicos e idéias que ainda hoje permeiam a atualidade arqueológica na região.

A partir da caracterização de um panorama ambiental, a identificação de “traços e padrões” que assinalassem o comportamento “dos construtores dos cerritos” fundamentou um particularismo histórico que definiu fronteiras arqueológicas, baseadas na divisão de grupos culturais por um viés de antagonismo entre: arcaicos *versus* desenvolvidos, cultura *versus* ambiente, adaptação *versus* difusão.

Onde os grupos foram divididos a partir de um antagonismo, substanciado por um discurso ocidentalista legitimador (Castañeda, 2002), que caracterizou os grupos caçadores-coletores como inferiores e os horticultores como superiores,

num claro reflexo de como dividimos a nossa realidade atual.

E mesmo quando, num segundo momento, as pesquisas foram fundamentadas pelos aportes da arqueologia Processualista ou Nova Arqueologia, em meados da década de 80 e início da década de 90, inexistiu uma ruptura clara entre os trabalhos “processualistas” e os anteriores. No geral, os dados e interpretações continuam os mesmos, acrescentando-se apenas novos fatores de ordem teórico-metodológica assumidos agora como importantes.

Ainda foi possível observar o modelo interpretativo utilizado pelos textos pesquisados e como dentro deste modelo interpretativo estudou-se os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul.

Para tal, identificamos como ponto central do modelo utilizado, o ambiente. Cuja eleição como ponto de partida justifica o que foi escolhido como prioritário nas atividades de campo e laboratório.

Desta forma, há uma recorrente preocupação na bibliografia analisada em “definir o ambiente”, sendo assim, dados sobre direções dos ventos, descrição da flora, geologia, fauna, etc. foram utilizados para definir em que grau o ambiente favoreceu ou desfavoreceu a evolução dos grupos sociais.

Assim sendo, os ambientes de maior produtividade biótica seriam os favoritos e a partir de uma escolha acertada dependeria o desenrolar da história. Pois interpretou-se o ambiente a partir de sua classificação em rico ou pobre, o que determinou a mudança, seja para uma estabilidade e desenvolvimento do grupo seja para a instabilidade e subdesenvolvimento (arcaísmo) do grupo.

E a explicação para os resultados de tais mudanças acabou por ser justificada pela difusão. Desta maneira, as adaptações e as mudanças ou evoluções foram as pautas centrais ou principais perguntas respondidas na bibliografia analisada.

### Considerações Finais

Foi observado que nenhuma perspectiva teórica foi usada “em sua essência”, aqui entendida como algo puro ou fechado em suas premissas iniciais. Mas antes foi adaptada a realidade arqueológica brasileira, caracterizada na época, décadas de 60, 70 e 80, por um quadro arqueológico incipiente praticamente desconhecido, cuja configuração de um

panorama explicativo de conhecimento se fazia necessário.

Sendo assim, apesar de haver em alguns casos uma maior preponderância de uma ou outra vertente teórica e metodológica estrangeira, isto não significou uma exclusividade a uma escola ou outra, sendo a mistura entre diversas vertentes de uso reconhecido.

E mesmo quando, a partir de um discurso incipiente, se passou a afirmar a necessidade de uma arqueologia de cunho processualista, esta não rompeu em tudo com a perspectiva pronapiana.

Desta forma, diferentes posicionamentos conviveram harmonicamente. Pelo que, entre a perspectiva pronapiana e a incipiente utilização do processualismo como ferramenta de análise em pouco diferenciou a construção do conhecimento que possuímos sobre os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul.

O resultado de tal posicionamento resultou em uma perspectiva de análise fundamentada por um forte antagonismo no estudo dos grupos culturais, que outrora habitavam o Rio Grande do Sul: arcaicos *versus* desenvolvidos, cultura *versus* ambiente, adaptação *versus* difusão.

Antagonismo este fundamentado por um modelo interpretativo, identificado a partir da postura interpretativa explícita e implícita analisada, que aponta para um quadro de referência balizado por componentes evolucionista e ambiental, em maior evidência, baseado numa lógica de que as mudanças sociais se situavam em termos adaptativos, onde o ambiente tinha um papel central.

A partir desta constatação é possível avaliar que as formulações interpretativas e as inferências - e que fundamentaram as explicações sobre o já produzido para os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul - são coerentes ao que se propôs: explicar as mudanças sociais através da evolução e da adaptação.

O que justificou o caráter “seletivo” com que foram trabalhados os dados na bibliografia analisada, bem como o tratamento analítico dispensado e o caráter metodológico na recolha de tais evidências.

As falhas resultantes de tal postura, são inúmeras, se analisadas a partir de uma nova perspectiva de estudo, ou outro modelo interpretativo. Porém se avaliado dentro de seu contexto, possui os problemas estruturais de sua própria formulação, fruto de uma época, e que carrega em si as limitações e incoerência que lhes são inerentes.

Não se procurou aqui defender tal modelo interpretativo, mas antes de tudo sistematizar e analisar como dentro de tal perspectiva se estudou os construtores dos cerritos elegendo as principais pautas discutidas, e na medida do possível apontando suas limitações.

Tendo em vista a abrangência e a responsabilidade de tal tarefa, temos consciências que muito ainda precisa ser feito, questionado e

sugerido, mas dentro da proposta inicial consideramos que um primeiro passo foi dado.

Acreditamos que tal avaliação se fez necessária, na medida em que possibilitou uma avaliação do que dispomos e fundamentou um questionamento sobre em que medida deveremos continuar ou mudarmos o quadro disponível para a arqueologia dos construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul.

#### **Agradecimentos**

À Marta Arzarello co-orientadora da dissertação e a todos que contribuíram de alguma forma com a realização da mesma.

#### **Referência bibliográfica**

Castañeda Fernández, António. 2002. El Debate Modernidad/Postmodernidad en la Interpretación del Neolítico. Una Perspectiva desde la Arqueología Social Revista Atlántica Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social, V (2002).

David, N.; Kramer, C. 2002. Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: UFRGS/PPG em Antropologia, ano 08, nº 18 (2002). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(IPHAN) Disponível em: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) Acesso em: Maio de 2005.

Reis, José Alberione dos. 2002. Prolegômenos Sobre Teoria na Arqueologia. Revista Diálogo, DHI/UEM, V.6 (2002).

Reis, José Alberione dos. 2003. "Não Pensa Muito que Dói" – um Palimpsesto sobre Teoria na Arqueologia Brasileira. Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Direttore Responsabile: Prof. Patrizio Bianchi  
Aut. Trib. Ferrara n. 36/21.5.53  
Comitato di Redazione della Sezione Museologia Scientifica e Naturalistica: D. Bassi, S. Capitani, C. Peretto, G. Zini.

Gli Annali dell'Università di Ferrara, Sezione Museologia Scientifica e Naturalistica (<http://eprints.unife.it/annali/museologia/>), vengono inviati in cambio di riviste scientifiche italiane e straniere; tali riviste sono cedute alla Biblioteca del Sistema Museale ed Archivistico d'Ateneo (S.M.A.) dell'Università di Ferrara.

Ogni comunicazione relativa alla stampa deve essere inviata a:  
Redazione degli Annali, Sezione Museologia Scientifica e Naturalistica, c/o Biblioteca del Sistema Museale ed Archivistico d'Ateneo, C.so Ercole I d'Este 32, I-44100 Ferrara, Italia.

Stampato presso  
Cartografica Artigiana snc  
Ferrara  
Novembre 2008